O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 38.º — N.º 1880

Sábado, 17 de Março de 1945

VISADO PELA CENSURA

AS EXIGENCIAS DA DIGNIDADE

Por entre o inferno de dôres e misérias em que a guerra envolveu o mundo e sobretudo a velha Europa, começo a distinguir se, ao menos assim parece, a quem pertencerá a vitória—uma vitória ensangüentada, um triunfo conseguido à custa de lágrimas próprias e alheias, como são as glórias duma guerra total.

Numa linha de conduta ditada única e simplesmente pela estrénua defesa dos deveres e da honra nacional, Portugal, logo nos primeiros dias do conflito—tempos indecisos e propícios a atitudes de duplas interprètações—traçou o seu caminho: neutralidade de acôrdo com uma honesta fidelidade à aliança inglesa. Os tempos decorreram, as vitórias e as derrotas sucederam se. E, quando um dos beligerantes assegurou o domínio da Europa, mesmo quem menos simpatia diz dispensar à obra da Revolução Nacional, não se poupou a elogios à política externa de Salazar. Nessa altura os Pirineus não eram uma região desmilitarizada...

Nunca se procurou uma situação cómoda nem obter proveito das circunstâncias à medida que estas se iam modificando: servimos sempre, com honra e com justiça, as leis da humanidade com não pequenos sacrifícios. De um lado e de outro vieram aplausos e provas de reconhecimento. Dezenas de milhares de refugiados aqui encontraram lenitivo para os seus sofrimentos; milhares de portugueses trabalharam para que aos vencidos chegasse um pouco mais de confôrto. Os interêsses de Portugal mantêm-se constantes. Ontem como hoje, realizam-se na paz.

Há, porém, quem julgue ser azado o momento de abandonar a neutralidade e tomar partido. Lamentável convicção!

Não cairia apenas sôbre o nosso prestígio, o ridículo que fulminou, para a posteridade, o asno que escouceou o leão moribundo! Os próprios vencedores teriam um critério de avaliação pouco dignificante para a nossa serôdia decisão! Entrar no conflito quando êle aparece resolvido, sem arriscar os nossos valores e apenas com a mira de alcançar parte da presa—não seria lutar com honra. Inadmissível é haver portugueses que não atinjam—ou porque não podem ou porque não querem.

O nosso prestígio—como o de todos os povos pequenos—só poder manter-se pelos exemplos que possamos dar aos outros no campo da dignidade. Se safrmos dêle, como não temos a nosso favor o receio respeitoso que vem da fôrça, rir-se-ão de nós e a nossa honra ficará periclitante.

Se em nada contribuímos para a hecatombe que ameaça destruir até o lado espiritual da civilização, nada temos a recear. Nunca prejudicámos ninguém. Continuemos, portanto, entregues aos nossos planos de pacífica reconstrução e ressurgimento nacional.

Nada tememos porque nada devemos. Recear conseqüências de actos que evitamos—seria duvidar da eficácia dos mais elementares princípios do Direito, para cujo revigoramento se fêz esta guerra—segundo se diz. Ao começo, traçámos um caminho—o da dignidade. E todos nos louvaram.

P. S.

Os comboios

Devido à falta de carvão resolveu a C. P. suprimir mais alguns comboios dos que ainda circulavam, tendo, portanto, de hoje em diante deixado o serviço os que partiam da nossa estação às 6,54, 12,05 e 17,24 com destino ao Porto e os das 15,41 e 21,52, que se dirigiam para o sul.

Ver adiante o horário já com as alterações.

AINDA O NOSSO ANIVERSÁRIO

Também agradecemos ao *Correio do Vouga*, colega local, *Desforço*, de Fafe, *Correio da Feira*, *Defesa de Espinho* e *Jornal de Sintra*, as felicitações que nos transmitiram e bastante nos penhoram.

UM INDUSTRIAL-MAESTRO

que dirige um grupo coral, composto pelos seus próprios operários

O *Jornal de Noticias*, a propósito da ultima récita da *Acção Cultural* das Fábricas Aleluia, publicou num dos seus numeros da semana passada com os título e sub-título da epigrafe, as impressões colhidas por um enviado especial que a ela assistíu e passamos orgulhosamente a reproduzir, como nos cumpre, por se tratar dum facto que engrandece Aveiro:

—*Não há nada de novo no mundo*—diz se a cada passo para atemorizar e diminuir os que buscam a originalidade.

No entanto, a cada passo, o jornalista encontra no caminho da sua vida profissional casos e factos absolutamente inéditos.

A questão é que êle os não procure e, como o caçador experimentado, saiba esperar que a caça passe ao alcance da sua espingarda. E assim como aquele caçador que decidiu ir à caça do coelho volta muitas vezes a casa com perdizes, assim nós, os homens das gazetas, saímos da redacção para uma reportagem e trazemos outra completamente diferente daquela que haviamos planeado.

Quando o redactor do *Jornal de Notícias* chegou a Aveiro, logo ali lhe disseram alguns bons amigos:

—Não há nada. Estamos em crise de notícias!

Almoçamos tranqüilamente, e depois, como sempre, fomos dar fundo ao café da Arcada—centro de cavaqueira dos aveirenses e seu melhor campo de caça em matéria de notícias.

E a caça, quando menos a esperávamos, apareceu, mal tinhamos ingerido o café.

Caiu-nos na mão, com a letra de um programa que começava assim em parangona: «*TEATRO AVEIRENSE—em 3 de Março de 1945—(A's 21 horas e 30 minutos)—Espectáculo da Acção Cultural das Fábricas Aleluia*».

Iamos deitar fora o programa, deixando assim voar a peça de caça que tinhamos na mão, quando o nosso distinto camarada Pompeu Alvarenga elucidou.

—E' uma obra admirável!

Soubemos então uma história singela, mas verdadeiramente edificante.

Os irmãos Aleluias, Carlos e Gervásio, proprietários e directores das grandes fábricas de cerâmica «Aleluia», estavam realizando uma obra social e cultural magnífica, graças ao seu Grupo de Acção Cultural constituido pelos seus próprios operários e a que preside um dos patrões—Carlos Aleluia.

A «Secção Cultural das Fábricas Aleluia», que tem um salão próprio, um magnífico e amplo salão com 33 metros de comprimento, acabado de construir num dos novos corpos do edifício da séde social, criara já um corpo cénico, uma orquestra e um orfeão.

E era um dos patrões, êsse simpático e excelente moço que é o Carlos Aléluia, quem dirigia e ensaiava os «cómicos», os «músicos» e os «orfeonistas», com uma paciência e uma dedicação admiráveis, nos intervalos do seu árduo labor de gerente comercial da firma.

Músico distinto, culto, possuidor de invulgar sensibilidade artística, Carlos Aleluia, homem bom e são, cidadão perfeito, sem quebra de disciplina nem autoridade, acamaradava, assim, com os seus humildes obreiros a quem fizera comungar o seu sonho de Artista, arrancando-os à taberna, aos ócios malsãos em que tantos se perdem e aniquilam.

O espectáculo que nessa mesma noite se realizaria no Teatro Aveirense, de tão gloriosas tradições artísticas, era, pois, muito mais do que um acontecimento regional de exclusiva importância para os aveirenses—o assunto de uma reportagem.

Quando o pano do velho teatro subiu, o grupo coral, composto de rapazes e raparigas, ao todo cem, estava já preparado para dar início ao programa. Os rapazes vestem o seu fato preto, correctos, limpos, asseados; as raparigas um vestidinho azul claro. Algumas são bonitas, daquelas bonitas raparigas de Aveiro.

Impecável no seu *smoking* surge Carlos Aleluia, a quem os espectadores prestam homenagem.

Perfil fino, testa alta e larga, queixo voluntarioso, ninguém diria estar ali um industrial.

E' um verdadeiro tipo de artista-músico. Nem sequer lhe faltam os clássicos óculos.

E com a energia de um profissional, Carlos Aleluia ergue as mãos finas e nervosas para modelar com rara expres-

Uma rectificação

Na notícia da morte do engenheiro-agrónomo sr. Rodrigo de Almeida, inserta a semana passada, temos a rectificar que o extinto era avô das esposas dos srs. tenente Luís Guerra de Barros e dr. João Soares e não sogro dêstes como, por lapso, saiu. Que nos desculpem o equívoco.

Novo lugre

Deve ser lançado à água no fim do mês o *Indício Cunha*, em construção nos estaleiros da Gafanha.

Pertence à empreza de pesca do bacalhau Testa & Cunhas.

Morta pelo combóio

Ao atravessar, domingo, a passagem de nível da Fôrca, foi apanhada pelo combóio-correio que vem do sul e aqui passa por volta das 20,40 horas, Maria de Oliveira Azevedo, que teve morte instantânea.

Residia naquele lugar, era viúva, contava 75 anos e atribui-se o trágico desastre que lhe aniquilou a existência ao facto de ser excessivamente surda.

Depois das formalidades legais, o cadáver foi sepultado no cemitério de Esgueira.

Pela Câmara

Na sua última sessão a Câmara aprovou a proposta do aumento de 15 %, como subsídio eventual, a todos os servidores do município, na efectividade ou aposentados, que a isso tenham direito. Este subsídio foi autorizado pelo Decreto n.º 34.430.

Automóveis a dez contos!

—o—

Dois membros do Parlamento britânico elaboraram planos para a produção, em massa, de um tipo de automóvel que poderá ser vendido por menos de dez contos, logo que as restrições de guerra impostas ás respectivas matérias primas tenham sido levantadas.

Os modêlos do novo carro já estão completos e registados. O novo carro terá quatro lugares e, embora custe menos de dez mil escudos, poderá, tanto na estrutura como no rendimento, competir com qualquer outro tipo de carro no mercado.

Algumas carecterísticas dêste carro conservam-se, no entanto, ainda secretas, mas já se sabe que terá outro processo de propulsão, com o motor na retaguarda.

As duas personalidades interessadas neste projecto são Mr. Denis Kendall e Mr. David Kirkwood. Tencionam produzir cem mil carros por ano, que sairão das duas usinas que Mr. Kendall possui em Grantham, e de uma nova fábrica localizada na Escócia.

Futebol

Houve no domingo um encontro no Estádio Nacional de Lisboa entre jogadores lusos e espanhoes, que atraiu mais de 50 mil adeptos dessa modalidade desportiva, idos de todos os recantos do país.

O jogo ficou empatado.

Um pedido à Câmara

Foi apresentado à Câmara Municipal um pedido assinado por todos os correspondentes dos vinte principais jornais de Lisboa, Pôrto e Coimbra, para a cedência de um compartimento devoluto no antigo edifício dos correios, onde, em parte, funcionam já os serviços da Comissão de Turismo, e no qual possam instalar um gabinete para as suas reuniões e troca de informes e impressões.

Como outras o têm feito já, é de esperar que a Câmara de Aveiro satisfaça o pedido, conveniente para as três entidades.

A Primavera

Está á porta. E' na próxima semana, no dia 21, que faz a sua entrada, segundo vem indicado no *Borda d'Agua*.

Os passarinhos de todos os jardins costumam recebê-la condignamente, empoleirados no arvoredo florido que os enche de beleza.

Em boa hora chegue.

Pintura

Chico Maia, nosso conterrâneo que há pouco mais de um ano encetou os primeiros passos na arte de pintar, expondo alguns trabalhos no *Club dos Galitos*, está de novo em Aveiro, depois de ter feito uma digressão por algumas terras do país onde se apresentou em público.

Dizem-nos que tem feito progressos e que êsses progressos os contà mostrar dentro em breve aos aveirenses para que avaliem quanto vale a persistência e a fôrça de vontade.

Muito estimamos que Chico Maia, modestamente e sem pretenções, chegue onde tantos não conseguem por falta de equilíbrio e excesso de vaidade.

ILUMINAÇÃO DE S. JACINTO

Fala-se no fornecimento de energia eléctrica a S. Jacinto pelos Estaleiros de S. Jacinto, Limitada.

E' andar para a frente.

De vez enquando

Lisboa, 12

Há quatro anos, já feitos, que não vinha à capital, cidade muito da minha predilecção, onde contei grande número de amigos, dos quais só restam poucos, algo me diverti e alguma coisa aprendi devido à influência do meio...

Calhou, porém, deslocar-me agora de Aveiro e em vez de tomar outro rumo preferi procurar neste ambiente aquilo que falta nos nossos sítios e tanto agrada ao meu espírito—o movimento, destruidor da neura, da tristeza, da monotonia, que nas terras pequenas é o pão quotodiano, de todos os dias. Mas não se julgue que foi a *bola* que me cá trouxe. Não. A *bola* fez deslocar ontem milhentas pessoas cheias de entusiasmo, que animaram a cidade, encheram o Estádio e se manifestaram ruidosamente durante o jogo. Uma loucura! — disseram-me. Porém, a *bola*, para mim, é de nulo interêsse; não me diverte. Se há tanto que vêr em Lisboa e apreciar! Por isso, quando posso sair ou se oferece qualquer ensejo para a visitar, não hesito, tão bem me sabem uns dias neste labirinto, nesta agitação que a vida humana lhe dá e é próprio da sua categoria, do lugar que marca entre tôdas as outras terras de Portugal.

Cá vim, portanto, e cá estou. A gosar, a distrair-me, a encher de novos conhecimentos o burnal que as costuma armazenar. Depois, ala, até que outra ocasião se proporcione e volte. Daqui a outros quatro anos?

Como me consideraria feliz se assim acontecesse!...

JOÃO DO CAIS

SEMANA SANTA

—o—

O Govêrno acaba de determinar o encerramento de tôdas as repartições na tarde do dia 29 do corrente e dispensa da comparência do pessoal no dia imediato—quinta-feira de endoenças e sexta-feira da paixão.

Frente a frente às realidades

O tráfico ferroviário vai ser reduzido nos próximos sessenta dias. Os eternos maldizentes e egoístas, sem atender a razões nem medir as conseqüências, dirão as palavras habituais de queixume a ver se avolumam o mal-estar inevitável.

Se se pensar, porém, com seriedade, nas razões que forçam o Ministro das Obras Públicas e Comunicações a seguir tal solução—há-de concluir-se que é o Govêrno o primeiro prejudicado e que só se consentiu oficialmente a redução, quando todas as esperanças de evitá-la se perderam, por culpa de factores que nos atingem duramente, sem que em nada contribuíssemos para a sua existência.

A continuar a presente exploração ferroviária—dentro em pouco todas as reservas de combustível estariam esgotadas, o que provocaria a paralização total dos transportes por caminho de ferro. Em face de tão trágica ameaça—teve o Govêrno de permitir a anunciada redução, a título provisório, na expectativa de, com tal medida, sem dúvida prejudicial, impedir um mal gravíssimo. Do estrangeiro, donde se contava receber, desde o início do ano corrente, cêrca de 50.000 toneladas de carvão—o estritamente necessário para a manutenção do tráfico estabelecido—recebemos apenas 9.000, um quinto do que se esperava!

Por outro lado, os proprietários das matas nacionais, sem verem que não facilitando a regularidade dos transportes prejudicam os interêsses próprios por dificultarem a drenagem dos produtos, não têm correspondido ao que deles era de esperar, no cumprimento das medidas tomadas para substituir. com reservas de lenha, a deficiência de carvões. Não tem o Govêrno descurado esta parte do problema; mas as medidas coercivas não podem conduzir a resultados tão rápidos, como reriam os que daria a pronta obediência dos mencionados donos de lenhas ás determinações oficiais.

Assim, enquanto se não consegue aumentar com a importação a reserva de carvões e enquanto não dão efeito as sansões aplicadas aos proprietários das matas, vê-se o Govêrno coagido a consentir a redução do tráfico ferroviário, na esperança de, com ela, evitar um mal bem maior e mais funesto à economia nacional.

Não estamos em guerra, mas, mesmo assim, sofremos-lhe repercussões bem graves, as quais só podem ser atenuadas se cada português se compenetrar dos deveres que lhe cabem. Uma leal compreensão dos motivos que justificam as medidas agora tomadas e se impõe, para que no ânimo de todos se intensifique a vontade de solidariamente minorar um mal que não depende de nós, mas que, nem por isso, o Govêrno se dispensa de fazer quanto seja necessário para resolver quanto antes, com vista ao bem geral da nação, superior a meros interêsses individuais.

S. P.

General Schiappa de Azevedo

—o—

Parte hoje para Oeiras, onde fixa residência, o sr. general Schiappa de Azevedo, que durante a sua permanência nesta cidade só conquistou amizades e simpatias.

Agradecendo ao ilustre oficial os seus cumprimentos de despedida, desejamos-lhe todo o bem-estar a que tem direito.

Atenção para a 4.ª página

Estação de Verão

António N. F. Ramos, proprietário do *Ultimo Figurino*, comunica ás suas estimadas clientes e ao público em geral, que inaugura àmanhã, 18, a **Estação de Verão**, expondo no seu estabelecimento da Avenida Dr. Lourenço Peixinho as mais lindas sêdas suissas e outras novidades de requintado bom gosto, que pessoalmente adquiriu em Lisboa

A nova exposição do *Ultimo Figurino*, que vai constituir um acontecimento, devido aos artigos que apresenta, estará patente ao público, durante alguns dias até ás 24 horas.

Avenida dr. Lourenço Peixinho (Telefone n.° 129)

são os primeiros compassos do *Côro dos Soldados*, da ópera *O Fausto*, de Gounot,

No final, a plateia vibra em sinceros e quentes aplausos.

—Que paciência! Que vontade! Que dedicação!

Os comentários e elogios saem de todas as bôcas.

O industrial-maestro, agradece com sobriedade distinta e prossegue na execução do programa, «tocando» a seguir, no seu «órgão» de 100 vozes, a canção *Venus*, da autoria de seu falecido pai, João Aleluia, como êle industrial e musico distinto. Depois o orfeão executa *Elegia do Rouxinol*, de Armando Leça. *Piedade, Senhor!* coral n.° 17, de Bach, *Aquela môça*, de P. Freitas Branco, e, finalmente, *Rapsódia de Cantos Populares Portugueses*, de J. Pereira dos Santos. Nas duas ultimas peças são solistas Deolinda Graça e Samuel Fartura. A rapariga, tem um fio de voz quente e aveludado e sai-se admirávelmente.

A plateia entusiasma-se.

Um distinto médico aveirense, o sr. dr. Cunha, sentado a nosso lado, exclama:

—Bravo!

Há quem peça bis...

Chovem palmas.

E novamente surgem comentários.

—E' admirável!

Os menos entusiastas afirmam:

—Sim, senhor, o orfeão está bem bonzinho!

O pano desceu. Estava terminada a primeira parte do espectáculo, que abrira com cháve de ouro.

No intervalo subimos ao palco para felicitar o industrial-maestro, que modestamente se apaga com desculpas.

A' queima-roupa dizemos-lhe:

—O orfeão tem que ir ao Porto!

Carlos Aleluia afirma que, «por ora é cêdo», mas, muito instado pelo jornalista promete, enfim, que colaborará um dia numa festa de beneficência que o *Jornal de Notícias* organize.

Ouvem-se as três pancadas de Molière.

O maestro é agora director de cena.

Vai dar se inicio à comédia de Almeida Garret, *O Tio Simplicio*, que os rapazes e raparigas interpretam com espantosa correcção.

Por ultimo, um acto de Júlio Dantas: *O Primeiro Beijo*.

Ao outro dia, de manhã, visitámos as Fábricas Aleluia. O maestro e ensaiador, grave, circunspecto, estava agora no seu escritório e os músicos, actores e actrizes, os orfeonistas, trabalhavam nas oficinas, uns como oleiros, outros como formadores, outros como pintores e decoradores.

E o industrial-artista, com a colaboração do seu irmão Gervásio, director artístico da industria de cerâmica e professor da Escola Industrial—regiam a partitura daquela sinfonia de trabalho, ritmo heroico das máquinas.

Admirável, se os leitores concordam.

Livros

A Arte e o Espírito Técnico

Com amável dedicatória do seu autor, o sr. dr. Faria de Castro, licenciado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, antigo professor do nosso liceu e atualmente do de Santarém, recebemos a sua comunicação apresentada ao 17.° Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências celebrado em 1942, pelo que lhe ficamos imensamente gratos.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos **Mercadores.**

Carta de Lisboa

Política social

Foi recebido com o maior aplauso e louvor, o decreto já publicado na imprensa periódica, segundo o qual serão criados junto das fábricas e demais estabelecimentos de trabalho, refeitórios e cosinhas económicas destinados a fornecer, a preços módicos, refeições aos trabalhadores de salários baixos.

Justificando a oportuna e útil medida, lê-se no breve relatório que antecede o diploma a que dos referimos:

O problema já considerado e resolvido em grande número de países, tem interêsse capital, não só enquanto procura defender a economia do trabalhador, mas também quando encarado sob o aspecto higiénico, dada a necessidade de colocar ao dispor do pessoal nos intervalos do labor profissional uma alimentação sádia em correlação com o esforço dispendido e sem o obrigar para a obter a uma fadiga adicional de longos percursos.

Nestas palavras está, de facto, posto em relêvo o valor da importante medida que vem de novo mostrar o interêsse com que o Estado Novo procura continuar a sua política social de protecção e ajuda a quantos trabalham

Afirmações oportunas e certas

No discurso que pronunciou no acto da posse dos novos membros do Conselho Técnico Corporativo, o sr. Ministro da Economia pôs de novo em relêvo os muitos e prestimosos serviços da Organização Corporativa sem a qual seria a anarquia a vida económica do país.

Em boa verdade sem a acção da organização económica que, embora num ou noutro aspecto merecendo rectificação, à qual de resto o Govêrno nunca se tem furtado, tem prestado serviços dos mais dignos de agradecimento, maiores e piores seriam ainda os males causados pela guerra.

E' que, como muito bem acentuou o sr. dr. Luís Supico, são muito maiores os benefícios que os defeitos do sistema corporativo, a cuja evolução o Govêrno atende, aliás com o maior interêsse e cuidado.

CORDEIRO GOMES

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 13, a esposa do sr. João Neves, de Verdemilho, e ontem, o sr. Egas da Silva Salgueiro, gerente da Emprêsa de Pesca de Aveira, L.da; hoje fá-los o sr. José Martins, mestre de talha da Escola Industrial Fernando Caldeira; àmanhã, as sr.as D. Maria Leonor Machado da Cruz, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, e D. Maria Isolina Vidal, filha do nosso malogrado amigo dr. Lúcio Vidal, de Vagos; no dia 19, a sr.a D. Cândida das Dores Duarte Peixinho, esposa do sr. Jerónimo Peixinho e os srs. José Martins Taveira e António José Nunes Rangel, activo negociante em Aradas; em 20, a Laurinha, filha do sr. Severim Duarte, representante dos cimentos Liz; em 22, as meninas Maria Luisa Melo e Maria Lucília Melo, interessantes filhas do sr. José Pedro Soares de Melo Júnior, funcionário da Secção de Finanças, e em 23, a sr.a D. Maria Helena Faria de Almeida, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, empregado superior da filial do Banco N. Ultramarino de Pôrto Amélia (Africa Oriental).

Partidas e Chegadas

Estive nesta cidade, com curta demora o sr. Celestino Neto, aspirante de Finanças no Pôrto.

—Está cá, com a familia, o sr. Vitorino Casal Ribeiro, de Espinho.

Doentes

Ainda não saí à rua o nosso amigo João Mota, cujas melhoras, dia para dia, se têm acentuado, o que registamos com satisfação.

—Tambem vai melhor da doença que o tem torturado, o sr. José Francisco Moita, chefe da nossa estação do caminho de ferro.

Estimamos.

—Continua em tratamento no Hospital de Santa Maria, do Pôrto, entregue aos cuidados do abalisado clínico sr. dr. Espregueira Mendes, o activo comerciante sr. Carlos Mendes, proprietário da Savoy e do Jardim das Modas.

Posto que tivesse experimentado alguns alívios, o seu estado requere ainda bastantes cuidados.

IMPRENSA

Desenhos para a Mulher no Lar

Recebemos esta revista mensal, que interessa, pelos trabalhos indicados nas suas páginas, ao elemento feminino.

Recomenda-se.

Visitai o Parque da Cidade

À margem da guerra

DOIS EMISSARIOS GERMANICOS APRESENTAM-SE A OFERECER A RENDIÇÃO DOS SEUS CAMARADAS AOS BRITANICOS, NUMA ILHA DO MEDITERRANEO.

Na Associação H. dos Bombeiros Voluntários

A posse do novo Comandante

Na sua séde, junto à Praça Marquês de Pombal, teve logar, quarta-feira à noite, a cerimónia da posse do novo comandante dos Bombeiros Voluntários, sr. Marino Moreira, cujo cargo se achava vago com a morte de Firmino Fernandes, que tantosserviços prestou à corporação.

Formada a companhia na vasta sala, sob o comando de Gonçalo Pinto e presente a Direcção da casa, o sr. dr. Humberto Leitão fez a apresentação do empossado, traçando a traços largos a sua biografia ao mesmo tempo que explicou os motivos que originaram a escolha para aquele logar, pois está convencido—afirmou—que reúne os requisitos para o desempenhar a contento de todos os que trabalham para o bem comum.

Depois das breves palavras do presidente da Direcção, breves, mas oportunas, Marino Moreira, disse pouco mais ou menos o seguinte:

Meus Senhores:

Cumprindo um dever, começarei por apresentar ao sr. dr. Humberto Leitão, diguo presidente d'esta Associação, os meus sinceros agradecimentos, embora em palavras pobres, sem a beleza da literatura nem pretensões a uma oração que lhes deleite os ouvidos com prosa rica, pois a minha bagagem literária é bem reduzida, por se ter lembrado de mim para tão alto cargo dentro d'esta corporação:

Aos membros da Direcção, ao 2.° comandante e corpo activo, não sei como patentear-lhes o agradecimento por me terem acolhido com tanta franqueza e lealdade, pois confesso-me deveras confundido com a escolha.

Meus senhores:

Quando o sr. presidente da Direcção me pediu que o autorisasse a apresentar o meu nome à candidatura do comando, fiquei surpreso e perplexo e sem forças e energia, sequer, para agradecer-lhe a prova de amizade e consideração que acabava de me dispensar, pois julgo me sem competência, nem inteligência em grau elevado, como se torna necessário para o bom desempenho do lugar. Ainda me restava uma esperança:—que outro candidato fosse apresentado e me destronasse. Mas isso não aconteceu, e aqui estou presente à chamada.

Antes da vossa visita a minha casa, para oficialmente me convidarem a aceitar tão honroso cargo, pensei maduramente no caminho a seguir, acabando por o aceitar, por duas razões: a primeira, pela consideração, amizade e boa vontade, que todos, Direcção e Corpo Activo me dispensaram; e a segunda pela simpatia que desde creança mantenho pela corporação a que meu pai tanto quiz, também, prestando-lhe quere como comandante, quere como inspector de incêndios, valiosos serviços. Para ele a corporação era tudo, pois sentia-se sempre bem dentro d'estas portas, não só pelo respeito que lhe dispensavam os do seu tempo, como pelo prazer que tinha em fazer parte da família dos bombeiros.

Estas razões e a minha simpatia me levaram a estar presente e a acatar uma ordem emanada da Direcção, com o parecer e voto do Corpo Activo. Presente! Começa por o vosso novo comandante, a disciplina. *Não recebi um convite, recebi uma ordem. Cumpri!* Ao corpo activo vou dirigir um apêlo, ciente que serei ouvido: peço-lhe a máxima cooperação, boa vontade e disciplina; que sejam amigos uns dos outros, com lealdade, respeitando-se mutuamente, porque respeitando-se teem personalidade e tendo personalidade teem carácter e hombridade, as qualidades mais essenciais à disciplina e camaradagem.

Vejam em mim um sincero amigo, no vosso novo comandante um companheiro leal, que teme o maior desejo em propôr elogios em vez de sanções.

Havendo disciplina, merece-se, não só das autoridades como do público, a sua consideração e a boa vontade em nos auxiliarem com o seu óbulo tão necessário à aquisição, renovação e reparação do material, tão preciso ao bom desempenho da nossa humanitária missão. Mas estou-me alongando demasiadamente, eu, que nunca tive geito para falar em público. Vou terminar: e ao fazê-lo, estou certo e convicto de que tanto a Direcção, como o Corpo Activo e cadetes, me dispensarão a sua melhor boa vontade, cooperando no desempenho do meu lugar.

A's pessoas que me deram a honra de assistir a êste acto, muito obrigado.

No final, o 2.° comandante fez-lhe a apresentação das praças e dos cadetes, a quem cumprimentou, indistintamente.

Em seguida, no gabinete da Direcção, foi-lhe servida uma taça de espumoso que deu lugar a brindes, em que se distinguiram os srs. drs. Humberto Leitão, Aurélio Costa e Marino Moreira.

O Democrata congratula-se com a nomeação para 1.° comandante de Marino Moreira, aveirense entusiasta que, estando alguns anos ausente da sua terra, se interessou sempre pelo seu progresso e ainda pela circunstância de ser filho dum outro comandante—Manuel Gonçalves Moreira—que tanto trabalhou em prol da corporação.

Por tudo Marino Moreira deve fazer bom lugar e são êsses os nossos desejos, os desejos de todos os que querem bem à sua terra e pugnam pelo seu engrandecimento.

Agradecimento e despedida

Júlio Schiappa d'Azevedo, tendo de transferir a sua residência para Oeiras (Lisboa) e, não lhe sendo possível em virtude da sua curta demora nesta cidade, manifestar pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram por sua falecida esposa, durante a sua estada no Hospital da Misericórdia d'esta cidade, e ainda mais tarde na Ordem Terceira de Lisboa, o seu profundo reconhecimento por tantas provas de estima amisade e carinho que lhe foram dispensadas, serve-se dêste meio para o fazer e a todos oferece os seus limitados serviços na citada vila de Oeiras.

Apontamentos

pelo prof. Jorge Vernex

1—Bestialidades

O General soviético Zhukov, numa ordem do dia, ordenou às suas tropas: «Agora é preciso espantar o animal fascista». Antes disto, o soldado vermelho foi industriado meticulosamente para proceder com a maior bestialidade contra a população civil, assassinando, torturando, violando mulheres e crianças e saqueando. O General Guderiau assinalou à imprensa mundial êste procedimento dum inimigo que «assassina, saqueia, pratica violações e abusos, como jamais se viram», o que é verificado, sistemáticamente em todos os lugares conquistados pelos soldados teutónicos. Os bolchevistas procedem contra os territórios teutónicos pior do que o fizeram os hunos e os tártaros nos séculos passados. Lamentável é que, em nome da liberdade, o mundo consinta tais horrores sem se levantar indignado, sem protestar para que, em vez do animal fascista, seja espantada a fera bolchevista.

Há factos nos horrores vermelhos contra a Europa que nem sequer podem ser publicados, tal a sua bestialidade. Guderiau continuou dizendo que não se trata de descuidos esporáticos, mas «do assassínio sistemático, do saque sistemático, do abuso sistemático». Na U. R. S. S., os soldados europeus que abusaram foram punidos por tribunais militares; na Europa, os bolchevistas procedem como exterminadores.

E' preciso reagir para que, mais tarde, a história não nos acuse de cobardia moral ante o assalto feroz que rola do Leste contra tudo o que a Europa representa.

O inimigo tem que ser batido, tanto no terreno militar como no terreno ideológico para que as nossas concepções morais não sejam esfarrapadas com o nosso concurso criminoso. Uma cultura milenária não pode ser destruida com os fundamentos da civilização cristã sem que o horror nos invada. Não esqueçamos: nós somos anti-comunistas.

—Reacção

A guerra exige dos beligerantes provas de resistência sem par. E quando procedimentos ferozes enodoam tôda a vida humana, os interêsses pessoais deixam de contar ante o interêsse colectivo. Em primeiro lugar, pondera o Dr. Wilhelm Koppen, está hoje a Nação. Estas considerações entraram em linha de conta a partir de 1943, quando os tudescos solucionaram o problema do desemprêgo, o trabalho foi reintegrado nos seus direitos e considerado como honra. Ao contrário de 1918, é preciso que, conduzida por homens fortes, a Europa não caia nas calamitosas perspectivas de então. E' preciso lutar, resistir, porque os povos europeus, mormente os tudescos, sabem que «os sacrifícios feitos agora são poucos em comparação com os que o inimigo ixigiria dêles, se conseguisse triunfar».

Uma educação perfeita concedeu à Europa, em 1939, grandes reservas de homens em plena actividade civil. Essas reservas aumentaram durante os últimos cinco anos e, além delas, havia ainda as reservas suplementares que agora entram em acção. As conveniencias pessoais passaram para segundo plano e o esfôrço colectivo do povo tudesco concentra-se para mostrar ao inimigo que a civilização milenária não sucumbirá ante a fúria vandálica do bolchevismo que acumula tôdas as taras ancestrais da A'sia.

As energias da Europa ainda estão de pé e só o destino poderia vergá-las; mas êsse é pelos que se mantêm víris e puros, fortes, decididos, heroicos, sublimes.

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

PARTOS E PARTURIENTES

Ao contrário do que muitas senhoras supõem, a mulher grávida tem necessidade de exercícios físicos. A indolência, a inatividade, tornam os partos difíceis. Não quere isto dizer que devam pegar em pesos e trabalhar em excesso; todo o exercício deve ser moderado.

Durante sete ou oito meses devem preparar o sangue, isto é analizá-lo, purificá-lo e fortalecê-lo, pois disso dependerá a robustez do filho. No último mês tratarão dos seios, lavando-os com água de colónia ou até alcool.

A alimentação deve ser substancial e fresca.

Os últimos meses também se reservam à confecção do enxoval do bebé; é a mãe que o deve fazer, folgado, de tecido macio e sem enfeites.

Logo que a hora do parto chegue nada de receios, nem de *curiosas*; uma boa parteira será suficiente. Antes, a mãe deve prevenir se com cordão tecido e macio, que se faz torcendo ou entrançando linhas sem goma, no comprimento de metro e meio a dois metros, uma tesoura afiada, de preferência de bicos arredondados, quadrados de pano lavado de 15 centímetros e tiras de 5 centímetros de largo por 1 metro de comprido. Perto da cama da parturiente, cujas roupas devem ser de escrupulosa limpesa, haverá uma bacia escaldada, não muito pequena e um banco ou cadeira baixa.

O mobiliário deve ser o mais simples possível: nem tapetes, nem resposteiros, nem almofadas a embaraçarem. Todos os utensílios estarão escaldados e desinfectados.

Os filhos devem nascer na cama. Os processos antigos das cadeiras e da posição de joelhos, provocam partos difíceis.

Se a parteira não chegar a tempo qualquer pessoa consciente pode auxiliar o parto.

O cordão umbical deve ser cortado a uma distância de 10 ou 12 centímetros; ata-se com o fio tecido e envolve-se nos quadradinhos de pano ou gase.

Após o parto, a mulher tem necessidade de ser lavada com cuidado, evitando correntes de ar ou qualquer friagem e em seguida repousará tranquilamente. E' indispensàvel um clister ao segundo dia de parto.

A doente conservar se-á deitada em posição horisontal, de ventre para cima e com a cabeça não muito alta. A sua alimentação será mais líquida do que sólida, mas substancial e irá tornando se normal gradualmente.

A criança deve ser lavada com água morna e sabão, pois que nem a glicerina, nem qualquer outro preparado a podem limpar como a água.

Em seguida, será vestida e deitada em berço no lado da mãe.

O apertar o nariz, os seios e a cabeça das crianças só as pode prejudicar.

As visitas serão evitadas nos primeiros dias; só depois de oito dias a mãe está em condições de as receber, sem sair da cama. As mulheres que se levantam ao quarto ou quinto dia ficam arruinadas, mesmo sem o saberem, pois os órgãos nesse curto espaço de tempo não poderam voltar ao seu primitivo lugar.

A's visitas deve pedir-se o favor de não beijarem nem filho, nem mãe.

O bébé só sairá do seu berço para ser amamentado, e só deve ser alimentado a *biberon* quando o médico verificar que assim tem de ser.

A mãe tem obrigação de aleitar, criar e educar os filhos.

Agradecimento

Os pais de Maria Lucília de Almeida Melo que há pouco foi operada no Hospital, vem por esta forma manifestar o seu reconhecimento ao operador, sr. dr. Bissaia Barreto e bem assim aos médicos assistentes, Irmãs Religiosas e a todo o pessoal pela maneira como foi tratada.

Aproveitam o ensejo para agradecer também às pessoas que a visitaram e se interessaram pelo seu estado.

Aveiro, 12 de Março de 1945.

Ao Comércio

Peço encarecidamente a quem recebeu, por engano, no sábado, 10, um cárter pequeno de automovel, pertencente a *Henrique & Anastácio*, o favor de o entregar à dita firma ou ao *recoveiro Carvalhinho*.

O homem da distribuição

António Almeida.

NECROLOGIA

Em Requeixo, freguesia de Eixo, finou-se a semana passada, com 85 anos, o sr. Manuel Francisco Atanásio de Carvalho, a quem os seus achaques impediam, há muito, de sair de casa.

Tinha enviuvado há meses, deixando alguns filhos.

* * *

Faleceram mais: em *S. Bernardo*, Angelo Marques da Rocha, solteiro, de 29 anos, filho de Manuel Marques da Rocha; no *Solposto*, Maria de Jesus Genrinho, viuva, de 75, e na *Póvoa do Paço*, Benedito Rodrigues Vieira, solteiro, de 70, vitimado por uma hemorrogia cerebral.

Missa de sufrágio

Abel de Sousa participa às pessoas de família e das relações de amizade de sua falecida esposa, Deolinda dos Reis Santo Tirso e Sousa, que é rezada uma missa em sufrágio da sua alma, no próximo dia 21, pelas 7 horas, na igreja da Misericórdia, pedindo a todas para assistirem a êste religioso acto, o que muito agradece.

Porto, 12 de Março de 1945.

ABEL DE SOUSA

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	11,15 (»)
20,40 (tram.)	19,34 (rápido)[1]
	Do Porto chega um tram. ás 21,07 e de Coimbra um ás 17,18 que não seguem.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

ÉDITOS

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Aveiro:

Tendo D. Maria Auzenda Rodrigues Rosa, casada, de 56 anos, moradora na Rua Miguel Bombarda, desta cidade, requerido a esta Câmara autorização para trasladar do sarcófago n.º 153, talhão n.º 1, do Cemitério Central desta cidade para o Cemitério Municipal do concelho de Ilhavo, o cadáver de sua irmã Amélia Pinto Rosa, falecida em 17 de Novembro de 1942, são, pelos presentes, convidadas tôdas as pessoas, que se julguem no direito de o fazer, a apresentarem, no prazo de vinte dias, a contar da 2.ª e última publicação dêstes em qualquer dos jornais desta cidade, as suas reclamações por escrito contra a mesma trasladação.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

Aveiro e Paços do Concelho, 10 de Março de 1945. E eu Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria da Câmara o subscrevi.

O Presidente da Câmara

ALVARO SAMPAIO